

Edgar Morin

Introdução ao pensamento complexo

Tradução de Eliane Lisboa

5ª. Edição



Editora Sulina

© Éditions du Seuil, 2005
© Editora Meridional/Sulina, 2005

Tradução
Eliane Lisboa

Capa
Eduardo Miotto

Projeto gráfico e editoração
Daniel Ferreira da Silva

Revisão
Matheus Gazzola Tussi

Revisão gráfica
Miriam Gress

Editor
Luis Antônio Paim Gomes

Impressão
Gráfica Calábria

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
BIBLIOTECÁRIA RESPONSÁVEL: DENISE MARI DE ANDRADE SOUZA CRB 10/1204

M858i Morin, Edgar
Introdução ao pensamento complexo / Edgar Morin;
tradução Eliane Lisboa. 5.ed. – Porto Alegre : Sulina, 2015.
120 p.

Título original: Introduction à la pensée complexe
ISBN: 978-85-205-0598-4

1. Filosofia. 2. Complexidade. 3. Sociologia do conhecimento.
I. Título.

CDD: 170
153.42
306.4
CDU: 101
316

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101
Cep: 90035-190 Porto Alegre-RS
Tel: (0xx51) 3311-4082
Fax: (0xx51) 3264-4194
www.editorasulina.com.br
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

{Setembro/2015}

Sumário



Prefácio, 5

1. A inteligência cega, 9

A tomada de consciência, 9

O problema da organização do conhecimento, 10

A patologia do saber; a inteligência cega, 11

A necessidade do pensamento complexo, 13

2. O desenho e a intenção complexos.

O esboço e o projeto complexos, 17

A indo-américa, 18

A teoria sistêmica, 19

O sistema aberto, 20

Informação/Organização, 24

A organização, 27

A auto-organização, 29

A complexidade, 33

O sujeito e o objeto, 37

Coerência e abertura epistemológica, 44

Scienza nuova, 48

Pela unidade da ciência, 49

A integração das realidades banidas pela ciência clássica, 51

A superação das alternativas clássicas, 53

A virada paradigmática, 54

3. *O paradigma complexo, 57*

O paradigma simplificador, 59

Ordem e desordem no universo, 61

Auto-organização, 64

Autonomia, 66

Complexidade e completude, 68

Razão, racionalidade, racionalização, 69

Necessidade dos macroconceitos, 72

Três princípios, 73

O todo está na parte, que está no todo, 75

Rumo à complexidade, 76

4. *A complexidade e a ação, 79*

A ação é também um desafio, 79

A ação escapa às nossas intenções, 80

A máquina não trivial, 82

Preparar-se para o inesperado, 82

5. *A complexidade e a empresa, 85*

Três causalidades, 86

Da auto-organização à auto-eco-organização, 87

Viver e lidar com a desordem, 89

A estratégia, o programa, a organização, 90

Relações complementares e antagônicas, 91

Precisa-se de verdadeiras solidariedades, 93

6. *Epistemologia da complexidade, 95*

Os mal-entendidos, 96

Falar da ciência, 100

Abordagens da complexidade, 102

O desenvolvimento da ciência, 105

Ruído e informação, 107

Informação e conhecimento, 109

Paradigma e ideologia, 111

Ciência e filosofia, 112

Ciência e sociedade, 114

Ciência e psicologia, 114

Competências e limites, 116

Um autor não oculto, 116

A migração dos conceitos, 117

A razão, 118

Prefácio



Pedimos legitimamente ao pensamento que dissipe as brumas e as trevas, que ponha ordem e clareza no real, que revele as leis que o governam. A palavra complexidade só pode exprimir nosso incômodo, nossa confusão, nossa incapacidade para definir de modo simples, para nomear de modo claro, para ordenar nossas ideias.

O conhecimento científico também foi durante muito tempo e com frequência ainda continua sendo concebido como tendo por missão dissipar a aparente complexidade dos fenômenos a fim de revelar a ordem simples a que eles obedecem.

Mas se resulta que os modos simplificadores de conhecimento mutilam mais do que exprimem as realidades ou os fenômenos de que tratam, torna-se evidente que eles produzem mais cegueira do que elucidação, então surge o problema: como considerar a complexidade de modo não simplificador? Esse problema, entretanto, não pode se impor de imediato. Ele deve provar sua legitimidade, porque a palavra complexidade não tem por trás de si uma nobre herança filosófica, científica ou epistemológica.

Ela suporta, ao contrário, uma pesada carga semântica, pois traz em seu seio confusão, incerteza, desordem. Sua primeira definição não pode fornecer nenhuma elucidação: é complexo o que não pode se resumir numa palavra-chave, o que não pode ser reduzido a uma lei nem a uma ideia simples. Em outros termos, o complexo não pode se resumir à palavra complexidade, referir-se a uma lei da complexidade, reduzir-se à ideia de complexidade. Não se poderia fazer da complexidade algo que se definisse de modo

simples e ocupasse o lugar da simplicidade. *A complexidade é uma palavra-problema e não uma palavra-solução.*

Não seria possível justificar num prefácio a necessidade do pensamento complexo. Uma tal necessidade só pode se impor progressivamente ao longo de um percurso onde surgiriam primeiro os limites, as insuficiências e as carências do pensamento simplificador, depois as condições nas quais não se pode escamotear o desafio do complexo. Em seguida será preciso perguntar-se se há complexidades diferentes umas das outras e se elas podem ser unificadas num complexo dos complexos. Será preciso, enfim, ver se há um modo de pensar, ou um método capaz de responder ao desafio da complexidade. Não se trata de retomar a ambição do pensamento simples, que é a de controlar e dominar o real. Trata-se de exercer um pensamento capaz de lidar com o real, de com ele dialogar e negociar.

Vai ser necessário desfazer duas ilusões que desviam as mentes do problema do pensamento complexo.

A primeira é acreditar que a complexidade conduz à eliminação da simplicidade. A complexidade surge, é verdade, lá onde o pensamento simplificador falha, mas ela integra em si tudo o que põe ordem, clareza, distinção, precisão no conhecimento. Enquanto o pensamento simplificador desintegra a complexidade do real, o pensamento complexo integra o mais possível os modos simplificadores de pensar, mas recusa as consequências mutiladoras, redutoras, unidimensionais e finalmente ofuscantes de uma simplificação que se considera reflexo do que há de real na realidade.

A segunda ilusão é confundir complexidade e completude. É verdade, a ambição do pensamento complexo é dar conta das articulações entre os campos disciplinares que são desmembrados pelo pensamento disjuntivo (um dos principais aspectos do pensamento simplificador); este isola o que separa, e oculta tudo o que religa, interage, interfere. Neste sentido, o pensamento complexo aspira ao conhecimento multidimensional. Mas ele sabe desde o começo que o conhecimento completo é impossível: um dos axiomas da complexidade é a impossibilidade, mesmo em teoria, de uma

onisciência. Ele faz suas as palavras de Adorno: “A totalidade é a não verdade”. Ele implica o reconhecimento de um princípio de incompletude e de incerteza. Mas traz também em seu princípio o reconhecimento dos laços entre as entidades que nosso pensamento deve necessariamente distinguir, mas não isolar umas das outras. Pascal tinha colocado, com razão, que todas as coisas são “causadas e causantes, ajudadas e ajudantes, mediatas e imediatas, e que todas (se interligam) por um laço natural e insensível que liga as mais afastadas e as mais diferentes”. O pensamento complexo também é animado por uma tensão permanente entre a aspiração a um saber não fragmentado, não compartimentado, não redutor, e o reconhecimento do inacabado e da incompletude de qualquer conhecimento.

Essa tensão animou toda a minha vida.

Em toda a minha vida, jamais pude me resignar ao saber fragmentado, pude isolar um objeto de estudo de seu contexto, de seus antecedentes, de seu devenir. Sempre aspirei a um pensamento multidimensional. Jamais pude eliminar a contradição interna. Sempre senti que verdades profundas, antagônicas umas às outras, eram para mim complementares, sem deixarem de ser antagônicas. Jamais quis reduzir à força a incerteza e a ambiguidade.

Desde meus primeiros livros confrontei-me com a complexidade, que se tornou o denominador comum de tantos trabalhos diversos que a muitos pareceram dispersos. Mas a palavra complexidade mesmo não me vinha à mente. Foi preciso que ela chegasse a mim, no final dos anos 60, através da teoria da informação, da cibernética, da teoria dos sistemas, do conceito de auto-organização, para que emergisse sob minha pena, ou, melhor, sobre meu teclado. Ela então se desvinculou do sentido comum (complicação, confusão) para trazer em si a ordem, a desordem e a organização, e no seio da organização o uno e os múltiplos; essas noções influenciaram umas às outras, de modo ao mesmo tempo complementar e antagônico; colocaram-se em interação e em constelação. O conceito de complexidade formou-se, cresceu, estendeu suas ramificações, passou da periferia ao centro de meu discurso, tornou-se macroconceito,

lugar crucial de interrogações, ligando desde então a si o nó górdio do problema das relações entre o empírico, o lógico e o racional. Esse processo coincide com a gestação de *O Método*, que se inicia em 1970; a organização complexa, e mesmo hipercomplexa, está visivelmente no centro direcionador de meu livro *O paradigma perdido* (1973). O problema lógico da complexidade foi objeto de um artigo publicado em 1974 (*Para além da complicação, a complexidade*, retomado na primeira edição de *Ciência com consciência*). *O Método* é e será de fato o método da complexidade.

Este livro, constituído de um reagrupamento de textos diversos¹, é uma introdução à problemática da complexidade. Se a complexidade não é a chave do mundo, mas o desafio a enfrentar, por sua vez o pensamento complexo não é o que evita ou suprime o desafio, mas o que ajuda a revelá-lo, e às vezes mesmo a superá-lo.

Edgar Morin

¹ Meus agradecimentos a Françoise Bianchi por seu indispensável e precioso trabalho de análise: crítica, seleção, eliminação de meus textos dispersos relativos à complexidade. Sem ela, este volume não teria tomado forma. Estes textos foram revistos, corrigidos e parcialmente modificados para a presente edição.